



Foto Sérgio Borges

Os donos do poder e os que ambicionam ser também poderosos divertem-se na boite Corte

A doce e amarga vida na Corte

Mordomias, privilégios, impunidade para os erros e negociações, grandes festas em que milionários e "especiais" negócios são iniciados, boatos, intrigas, lobbies políticos e empresariais — a Cidade é um mercado paradisíaco em que tudo tem seu preço e o importante é estar bem relacionado, indicar e ser indicado. Saber quem é quem, ter informações precisas e sigilosas sobre cada um significa ter poder sobre as pessoas.

Viver num ambiente assim implica também correr certos riscos: porque sabia demais, o jornalista Alexandre von Baumgarten foi morto a tiros e seu cadáver quase virou comida de peixes. Os aparelhos de escuta telefônica não pouparam nem mesmo os gabinetes do Planalto.

É perigoso, mas parece fascinante para todos os que circulam na Corte e se sentem deslumbrados com seu brilho. E os que são despejados da Corte muitas vezes caem em depressão profunda, como se a própria vida perdesse o sentido. Quem se lembra do ministro Arnaldo Prieto, que se tornou notável por consumir mensalmente toneladas de carne em sua residência?

Como diz a relações-públicas, socialite e assessora de senador (biônico) Lygia Leite de Camargo, o poder é cruel com quem não faz mais parte dele. Numa cidade onde o poder é ostensivo e quem o tem não perde a sublime oportunidade de ostentá-lo, o ostracismo é amargo e melancólico.

— Aqui — diz Lygia — as pessoas são convidadas para festas e solenidades sem que saibam por quê, acostumam-se, acham que vai durar a vida inteira e de repente, da mesma forma como surgiram, desaparecem, deixam de ser convidadas, só então percebem que foram usadas e não interessam mais.

Lygia, que não tem posses, mas orgulha-se de ser uma das mulheres mais bem relacionadas da cidade, vive de propiciar encontros, enquanto assessora freneticamente o gabinete do quase sempre ausente senador biônico Amaral Furlan, de São Paulo.

No seu esquecido gabinete, há sobre a mesa uma velha revista semanal — dezembro de 1980 — com a seguinte notícia de capa: "Após a queda de Petrônio Portela, um governo sem paz". Mas não há mortos, muito menos pó e passado na cadeira de endereços da vibrante Lygia Camargo. Alguém precisa ser citado numa coluna social? Ela consegue. Alguém deseja comprar ou alugar um palácio no Lago? Ela faz o contato.

Frenética, ágil, embora um tanto desorientada e confusa, ela é o perfeito exemplo de como alguém pode ser bem-sucedido nesta Cidade só por conhecer as pessoas. No enterro de um general, no casamento de um figurão ou na enfumaçada noite da

boate Corte, ela está sempre sorrindo e beijando as pessoas.

— Vivo num mundo diferente, tão fora de minhas condições financeiras... — diz Lygia, com um cômico sorriso. — Parece um sonho. No casamento de minha filha, reuni o presidente da República, muitos ministros e cinco governadores. Se eu vivesse em São Paulo, não haveria nada disso, eu seria apenas uma pobre mulher anônima.

Se esta Cidade é pródiga com os poderosos do dia, ou com seus fiéis cortesãos, como Lygia, costuma ser realmente cruel com os que tiveram o poder um dia mas não souberam acompanhar os novos tempos. No enterro do general Mário Gomes, no início de abril — uma segunda-feira úmida e calorosa — pouco mais de 50 pessoas acompanharam ao Campo da Esperança o velho pioneiro morto aos 84 anos, ex-deputado federal, ex-interventor de Getúlio Vargas no Paraná e ex-presidente da Codebrás, o poderosíssimo organismo que, nos primórdios da Cidade, distribuiu casas, apartamentos funcionais e terrenos, firmando os alicerces dos privilégios que desde então passaram a ser doados à tecnocracia.



— Estamos diminuindo — dizia uma velha e trêmula senhora acompanhando o enterro, enquanto contava nos dedos o escasso número de acompanhantes.

Os pioneiros da Cidade são cada vez mais raros e, meio nobres, não se misturam à variada ralé que ascendeu aos grandes postos, e cuja vulgaridade criticam, encasulados nos seus próprios guetos. Os pioneiros são em geral admiradores fanáticos de Juscelino Kubitschek, oposição-

nistas e amigos de intelectuais. Não se misturam.

Mas quem se preocupa com esses dinossauros antediluvianos? Nas barulhentas noites da boate Corte, em cujos arredores, alta madrugada, se pode ouvir coisas tão imprevisíveis quanto tiros — os cortesãos brigam muito entre eles mesmos — os novos príncipes são Paulo Otávio Alves Pereira, genro do ex-ministro da Marinha, Maximiano da Fonseca, Gilberto Salomão, construtor, Antônio Venâncio — que chegou à cidade, assim diz a lenda, puxando mulas, e hoje é milionário —, Fábio e Cleusa de Carvalho, donos das boutiques Magrella e Vachon, Ely Walter Couto, lojista, Luís Estêvão de Oliveira Neto, empresário, Alcides Franciscato, controvérsio amigo do chefe, Murilo Badaró, o senador biônico mineiro que quer oficializar o lobby no Congresso, e, claro, todos os colonistas sociais — Consuelo Badra, Gilberto Amaral, Sílvia Seabra e seus informantes, como Lygia Camargo, ou o relações-públicas do Senado e da boate Corte, Luís Carlos Chaves.

Importante, para cada membro da Corte, é aparecer nas colunas sociais, um eclético mundo em que se misturam desde autoridades até os mais anônimos arrivistas. Afinal, quem não tem cacife para ser citado pode muito bem comprar uma citação — pois os signatários das colunas são, além de colonistas, prósperos negociantes de vaidades, empresários do luxo e da ostentação.

Tanto se pode ler nas colunas — publicadas pelos jornais Correio Braziliense, Jornal de Brasília e Última Hora — informações políticas exclusivas quanto intrigas do mais baixo nível; o bofetão que a deputada petista Bete Mendes deu no companheiro, num bar da moda, aparece ao lado de uma especulação a respeito da possível queda do ministro Camilo Penna, a notícia de que Gilberto Amaral foi convidado para acompanhar o presidente numa viagem ao Exterior ou a de que o general Medeiros não permitirá — jamais — que haja eleições diretas-já.

Consuelo Badra, que já se envolveu em alguns escândalos — e ela se orgulha de ter passado incólume por todos — é sócia de uma empresa que organiza festas e sempre garante aos festeiros encher suas salas com pelo menos dois ministros e um general — pois festas sem pelo menos um ministro e um general não são dignas deste nome, nesta cidade em que o prestígio só pode ser medido pela importância dos amigos de quem recebe para jantar.

Gilberto Amaral — que no casamento de sua filha também conseguiu, como Lygia de Camargo, encher a igreja com as mais altas autoridades — é igualmente sócio de uma empresa, a Assessoria, Planejamento e Serviços, que atende a quase 80 empresas, quase todas paulistas, e se especializou em fazer lobby empresarial.